

UMA PEQUENA REVOLUÇÃO FEMINISTA NO MUSEU DO FUTEBOL

Renata Maria Beltrão Lacerda¹

Resumo: O presente artigo analisa a trajetória da inclusão do futebol de mulheres como tema de ação museológica do Museu do Futebol, em São Paulo. De assunto praticamente inexistente quando da inauguração do museu, em 2008, a modalidade tornou-se peça-chave na compreensão do papel institucional e do aprofundamento da atuação nas frentes de comunicação, salvaguarda e pesquisa, tendo reflexos concretos na maturidade institucional, no equilíbrio do perfil de gênero do público visitante e nos rumos da primeira grande reformulação da exposição principal realizada em 2024.

Palavras-chave: Museologia, Gênero, Futebol.

A Small Feminist Revolution at the Museu do Futebol

Abstract: This article analyzes the trajectory of the inclusion of women's football as a theme of museological action at the Museu do Futebol [Football Museum] in São Paulo. From an almost nonexistent subject at the museum's inauguration in 2008, women's football has become a key element in understanding the institution's role and in deepening its work in the areas of communication, safeguarding and research. This shift has had concrete effects on institutional maturity, on balancing the gender profile of visitors and on shaping the direction of the first major overhaul of the main exhibition carried out in 2024.

Keywords: Museology, Gender, Football.

Introdução

Quando o primeiro museu dedicado ao futebol no Brasil abriu as portas em São Paulo, em setembro de 2008, o futebol de mulheres tinha pouca visibilidade na mídia brasileira, mas estava longe de ser uma nulidade: a Seleção havia sido medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de 2003 e 2007, prata nos Jogos Olímpicos de 2004 e 2008 e vice-campeã da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2007. Marta Vieira da Silva já era jogadora profissional havia oito

¹ Assessora de Comunicação e Marketing da organização social de cultura IDBrasil, sendo responsável pela área no Museu do Futebol e no Museu da Língua Portuguesa. Email: renabeltrao@gmail.com

anos; em 2007, tinha sido artilheira dos Jogos Pan-Americanos e da Copa, além de receber o prêmio Bola de Ouro como melhor jogadora do mundial.

No entanto, a instituição museológica criada para fazer jus ao epíteto o “país do futebol” ignorava a modalidade quase que completamente. Marta, e apenas ela, aparecia em duas telas de TV – na primeira, recebendo o prêmio da FIFA; em outra, em vídeo compilando algumas de suas jogadas mais incríveis pela Seleção Brasileira. Ela também protagonizava uma placa que destacava uma frase de seu discurso na cerimônia de entrega da Bola de Ouro: “Podem ter certeza de que eu vou trabalhar firme para voltar aqui mais vezes”. Nenhuma outra jogadora de futebol estava representada ao longo da exposição – e não era por falta de espaço. O Museu se espalha por 6.900 metros quadrados nas salas existentes sob as arquibancadas do Estádio do Pacaembu – um edifício monumental dos anos 1940 em estilo *art déco*, até hoje um dos mais belos estádios brasileiros.

A imprensa cobriu a inauguração de maneira profícua e majoritariamente elogiosa, com poucas críticas concentradas naquilo que viria a se tornar a principal marca do Museu do Futebol: a inexistência de acervo de objetos (ALFONSI, 2017). Junto com o Museu da Língua Portuguesa, inaugurado dois anos antes também em São Paulo, o Museu do Futebol estabelecia uma nova tipologia no cenário brasileiro, a dos chamados museus-experiência, centrados no público, abundantes em recursos audiovisuais e com uma forte carga de instalações interativas, quase sempre envolvendo tecnologia digital. A falta de troféus, medalhas e camisas – relíquias e *memorabilia* em geral – causou bem mais estranhamento do que a quase completa inexistência de mulheres jogando bola entre as mais de 1.600 imagens em exibição.

Não causava surpresa, portanto, que a audiência fosse composta majoritariamente por homens: 70,1%, segundo pesquisa realizada no início de 2009. O número não apenas contrariava o perfil tradicional do público visitante de museus no Brasil – em geral com pequena maioria de mulheres – como alçava o Museu do Futebol ao posto de museu brasileiro com maior proporção de visitantes homens jamais mensurada até então (LACERDA e BRUNO, 2022).

Isso viria a mudar a partir de 2015, quando uma conjunção de fatores internos e sociais proporcionou uma pequena revolução na instituição, que é hoje – quem diria – referência no futebol de mulheres no Brasil. Este processo foi

objeto de estudo em *Chama as mina pro jogo: Museologia e Gênero no Museu do Futebol* (LACERDA, 2023), dissertação de mestrado em Museologia defendida em agosto de 2023 na Universidade de São Paulo. Aqui, compartilha-se um brevíssimo resumo daquele trabalho, ressaltando principalmente os resultados práticos que esta trajetória teve para o museu, suas trabalhadoras, o público visitante e para o cenário da pesquisa da modalidade.

Sem espaço para a dissidência

O Museu do Futebol foi criado em um período de efervescência no cenário cultural paulista. Na década de 2000, o Governo do Estado de São Paulo fez grandes investimentos na criação de novas instituições museais em edifícios históricos e tombados, sob a premissa de que sua ocupação com equipamentos culturais de apelo popular proporcionaria sua preservação sustentável. Dois desses projetos – o Museu do Futebol e o já mencionado Museu da Língua Portuguesa – foram coordenados pela Fundação Roberto Marinho, instituição privada sem fins lucrativos ligada à família controladora do Grupo Globo e que vinha atuando em projetos de preservação do patrimônio edificado e programas de TV para educação à distância. Trata-se do maior conglomerado de mídia no Brasil, líder até hoje nos segmentos de entretenimento, jornalismo e esportes. Isso ajuda a explicar o porquê destes dois projetos, e todos os demais desenvolvidos posteriormente pela FRM no campo dos museus, têm forte ênfase em recursos audiovisuais (LUPO, 2022).

No caso específico do Museu do Futebol, é importante assinalar que por muitos anos a Globo deteve o monopólio da transmissão das partidas de futebol masculino no Brasil, tanto da categoria principal do campeonato brasileiro quanto das Copas do Mundo FIFA. Desde os primeiros passos do projeto do novo museu, estava dado que o envolvimento da FRM significaria acesso facilitado às imagens guardadas nos arquivos do Grupo Globo. O futebol de mulheres, por outro lado, era transmitido desde meados dos anos 1980 por outras emissoras, mas apenas erraticamente, o que refletia também a falta de regularidade e consistências dos próprios torneios da modalidade.

Ainda em 2005, quando os primeiros movimentos foram feitos para a constituição do Museu, a FRM coordenou a realização de dois *workshops* com o

intuito declarado de “estabelecer o que é de fato importante” para a abordagem narrativa da nova instituição; assim como para “discutir quais as representações que a gente deve colocar dentro do museu; (...) na verdade, quais as memórias que esse museu vai transformar em história”, em excertos das falas de duas profissionais que então atuavam na coordenação dos encontros (LACERDA, 2023). Além das pessoas diretamente envolvidas no projeto, para a primeira reunião foram convidadas ligadas à administração municipal e às áreas de patrimônio e museus, além de pesquisadores e especialistas em futebol. No segundo encontro, o grupo externo foi formado quase que completamente por jornalistas esportivos atuantes na cobertura do futebol masculino. A ideia era instaurar um processo participativo ampliado, que daria uma certa validação social e política ao projeto.

Foram mais de seis horas de debates, cujo conteúdo foi analisado minuciosamente sob a perspectiva de gênero a partir das transcrições e, no caso do primeiro, da gravação em vídeo. Fica patente a associação naturalizada entre o futebol e os homens e, mais do que isso, a exclusão simbólica das mulheres. A palavra “mulher” é citada onze vezes nas duas reuniões, sempre como elementos estranhos ao futebol, objetificadas, estereotipadas ou mesmo como barreira à experiência masculina – nunca como legítimas interessadas no jogo. Nenhuma jogadora é mencionada; as três esportistas nomeadas são de outras modalidades (Hortência e Paula, do basquete; Maria Esther Bueno, do tênis), e a única alusão ao envolvimento profissional de uma mulher com o futebol diz respeito à árbitra Sílvia Regina (não nomeada na fala), que naquele ano foi a primeira escalada para apitar um jogo do campeonato brasileiro masculino. Chega-se a dizer que o público-alvo prioritário do museu deveria ser os “homens de negócios” em visita à cidade de São Paulo. Um único debatedor alerta para a necessidade de que o futuro museu deveria dar atenção também ao público feminino, mas a fala não provoca qualquer reação dos demais participantes (LACERDA, 2023).

Muito do que foi discutido, levantado e validado nestas duas reuniões efetivamente se concretizou na conformação original do Museu do Futebol. Portanto, cabe questionar a ausência de vozes dissidentes que poderiam ter enriquecido o debate – e, por consequência, o projeto – a partir de perspectivas como lugar de fala, diversidade regional, outras formas de jogar (como o futebol

amador tão forte na periferia paulistana) ou, é claro, a perspectiva de gênero. Àquela época, já haviam sido publicadas pesquisas importantes sobre o futebol de mulheres no Brasil, em diferentes áreas, como os trabalhos de Suraya Cristina Darido (2002), Fábio Franzini (2005), Kátia Rubio, Silvana Goellner (2005), Jorge Dorfman Knijnik e Esdras Vasconcellos Guerreiro (2003), Eriberto Lessa Moura (2003), Ludmila Mourão e Marcia Morel (2005), Heloisa Helena Baldy dos Reis e muitas outras e outros (Souza Júnior e Reis, 2018). Pode-se falar de um primeiro momento de efervescência do tema na academia, no entanto, inicialmente ignorado na conformação do Museu.

Também têm relevância nesse processo o histórico e a vocação original da Fundação Roberto Marinho na preservação do patrimônio edificado e educação à distância. Sua entrada no mundo dos museus se deu com ênfase nos projetos de arquitetura para adaptação dos edifícios e no desenvolvimento de expografias exuberantes (LUPO, 2022), focadas em material audiovisual e instalações multissensoriais.

Expor, no entanto, é apenas uma das múltiplas funções de um museu. As instituições museais têm sua cadeia operatória ancorada em um tripé composto por comunicação (que inclui exposições, mas também ação educativa e programação cultural), salvaguarda e pesquisa. Estes dois últimos aspectos tinham sua importância bastante rebaixada nos primeiros empreendimentos museais coordenados pela FRM. No caso do Museu do Futebol, uma consultoria especializada em Museologia só foi integrada ao projeto em 2007, quando todas as decisões importantes já haviam sido tomadas (Lacerda, 2023). Ao entregar o primeiro planejamento museológico da instituição por nascer, esta consultoria sugere que o museu assuma uma dimensão preservacionista ancorada na ideia de referência cultural (e não de coleção de objetos), assumindo uma “responsabilidade histórica” de constituir uma tipologia de acervo pouco usual até aquele momento (ARAÚJO, BRUNO e FELIPINI, 2007). O planejamento sugeria, por exemplo, o mapeamento de fontes sobre futebol e a criação de um banco de dados de referência visando dinamizar as atividades do museu.

Em seguida, em 2009 foi realizado o primeiro Plano Museológico² do Museu do Futebol, então já inaugurado e em plena operação. Mais enfático do que o documento anterior, este aponta a centralidade da exposição de longa duração como um problema a ser superado, pois limitava as potencialidades do museu (BRUNO, ARRUDA e FIGOLS, 2010). A instituição precisava olhar para fora, se relacionar com o mundo ao seu redor e assumir compromisso com o desenvolvimento social. Em resumo, o Museu do Futebol ainda não era um museu, apesar do nome. Mas viria a se tornar um em breve, justamente pela via do futebol de mulheres.

Do que importa um museu?

A categoria gênero é recente e ainda objeto de disputas. Entre as muitas definições possíveis, a da historiadora Joan Scott (1995) é mais profícua para o campo da Museologia. Dividida em duas partes, ela diz: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. As exposições museais operam justamente sobre percepções, instrumentalizando-as para privilegiar determinadas narrativas.

Além disso, museus são historicamente instituições desenvolvidas como instrumentos de legitimação de poder – não importa se de viés aristocrático, iluminista, colonialista, nacionalista, socialista ou capitalista – via de regra performando relações de gênero de maneira a corroborar estes mesmos projetos. Museus, assim como muitas outras instituições, reificam uma lógica androcêntrica ao considerar as experiências masculinas como universais, ou seja, válidas tanto para homens quanto para mulheres (AUDEBERT, WICHERS e QUEIROZ, 2019) e pessoas que não se identificam dentro do espectro binário.

Hoje, se discute na Museologia a necessária crítica a este estado de coisas e a responsabilidade dos museus quanto a outras formas de existir. Para Aida Rechena (2011) os museus podem ser analisados segundo a Teoria da Representação Social de Serge Moscovici, tanto por categorizar parcelas de

² O Plano Museológico é o planejamento estratégico dos museus. No caso brasileiro, ele se tornou obrigatório às instituições que desejam ser reconhecidas como museus a partir da promulgação da Lei Federal nº 11.904, de janeiro de 2009, que criou o Estatuto dos Museus.

realidade de forma a orientar as pessoas em sua relação com o patrimônio cultural – na maioria das vezes, corroborando visões de senso comum –, quanto por sua potencialidade para formular novas representações, diferentes daquelas que o público possui quando tem contato com uma exposição ou coleção.

Embora visitar museus não seja um hábito arraigado entre brasileiros – 47% da população não entrou em um nos últimos 12 meses (FUNDAÇÃO ITAÚ, 2025) – são instituições com grande credibilidade, tidas como portadoras da “verdade” não apenas por quem os visita, mas também por quem não. O Museu do Futebol costuma protagonizar mais de 3.000 matérias em veículos de mídia brasileiros e internacionais a cada ano. Apenas em 2022, ano de realização de Copa do Mundo masculina no Qatar, foram quase 38 horas de transmissão envolvendo o museu em programas jornalísticos de TV e rádio, principalmente nacionais, mas também de outros países (LACERDA, 2023). Portanto, as representações colocadas no museu têm alcance muito maior do que o seu espaço físico ou, com o advento da internet, em suas propriedades digitais.

“Um museu que comemora (...) o homem brasileiro”

Que representações eram essas quando o Museu do Futebol abriu pela primeira vez? Uma publicação de 2014, realizada pela instituição gestora do espaço³ para comemorar os primeiros cinco anos de funcionamento, não deixa muita dúvida:

O Museu do Futebol é um museu da história do Brasil. Uma história que atravessa o século 20, lúdica e envolvente. É um museu que comemora a expressão cultural do futebol. O gesto e a ginga. A espontaneidade. **Que comemora o homem brasileiro. Sua capacidade de superar a adversidade, como no futebol.** (...) Além da história do futebol e do Brasil, o livro propõe outra história: a de **homens e mulheres que foram capazes de conceber e realizar o projeto do Museu do Futebol**, tão coetâneo aos primórdios do século 21 (KAZ, 2014, p. 11 – grifos nossos).

³ O Museu do Futebol, assim como os demais museus sob responsabilidade da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo, é administrado por uma organização social de cultura – uma instituição privada sem fins lucrativos que firma contrato com o Governo para esta finalidade.

“Homem brasileiro”, nesse caso, não é mera figura de linguagem, percepção reforçada a seguir no mesmo texto quando se admite que mulheres atuaram na concepção do projeto. A exposição de longa duração apresentava a história do futebol brasileiro interligada à história do próprio país sob uma perspectiva exclusivamente masculina. Entre as mais de 1.600 imagens em exposição, apenas uma jogadora aparecia, Marta Vieira da Silva. Contavam-se nos dedos outras esportistas ou profissionais do esporte retratadas: a tenista Maria Esther Bueno, as ginastas Daiane dos Santos e Daniele Hypólito, as jogadoras de basquete Hortênsia e Paula, a árbitra Sílvia Regina. Em uma das salas expositivas, a escritora Rachel de Queiroz, a artista plástica Tarsila do Amaral e a performer Carmem Miranda eram creditadas como personalidades importantes na conformação de uma identidade nacional, ao lado de outras dezenas de personalidades masculinas – e isso foi o mais próximo de protagonismo concedido a mulheres em toda a exposição.

Todas outras representadas no Museu do Futebol àquela altura – inclusive Marta – tinham a função de servir como pano de fundo para o palco onde se desenrolava a história gloriosa dos homens brasileiros no futebol e sua “capacidade de superar adversidades”. Curiosamente, os 39 anos da proibição do futebol de mulheres no Brasil não contava como uma adversidade que precisou ser superada. Uma menção a este episódio aparecia discretamente em uma placa informativa na qual estava inserida a tela de TV com o compilado de jogadas incríveis de Marta. Em um texto de apenas 14 linhas diagramado nesta placa, havia três erros de informação.

O drible: *Visibilidade para o futebol feminino*

Se a imprensa havia dado pouca importância à ausência de mulheres na exposição, o mesmo não ocorreu com o público. Desde a primeira pesquisa de perfil e satisfação, em 2009, começam a aparecer reclamações relacionadas a isso. Não eram muitas, mas eram consistentes, consistentes e chamaram a atenção da equipe técnica, principalmente após a elaboração do primeiro Plano Museológico da instituição. A fim de estabelecer o compromisso de adotar uma visão crítica interferir positivamente na realidade onde estava inserido, como preconizava o Plano (BRUNO, ARRUDA e FIGOLS, 2010), o Museu do Futebol precisava criar

redes de relacionamento e se inserir em uma comunidade com a qual pudesse dialogar. Isso ocorre a partir de 2009 e 2010, através de aproximações com a academia, onde a equipe técnica começa a estabelecer contato com pesquisadores do tema e, especialmente, pesquisadoras do futebol de mulheres. Nesse contexto, o Museu criou o Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol, realizado pela primeira vez em 2010, e desde então, a cada quatro anos. Até essa altura, a equipe do Museu – inclusive as mulheres – tinha pouca ou nenhuma informação sobre a história de perseguição à modalidade (LACERDA, 2023; BONFIM, 2019).

Em 2014, com a realização da Copa do Mundo FIFA masculina no Brasil, o Museu viveu o ápice em seu número de visitante até então⁴. A Seleção masculina perdeu de 7 x 1 da Alemanha, o país explodiu em memes e entrou em uma espécie de ressaca com o futebol, relacionada também aos muitos protestos contra as desapropriações de terras e os investimentos estratosféricos realizados para construção de novos estádios. Na economia, o ano de 2015 foi de retratação, com reflexos sobre os equipamentos culturais mantidos pelo Governo de São Paulo. O orçamento foi cortado e parte das equipes foi dispensada em muitos programas. No Museu do Futebol, o Núcleo Educativo dispensou muitos de seus colaboradores. Não havia orçamento para realização de uma exposição temporária, compromisso obrigatório segundo o contrato da organização social gestora com o Governo de São Paulo.

Segundo a antropóloga Daniela Alfonsi, que integrava a equipe do Museu do Futebol desde 2008 e acabara de assumir a diretora técnica, em meio a esse contexto a equipe já estava mais razoavelmente sensibilizada para o tema do futebol de mulheres e questionava o porquê a Copa do Mundo Feminina seria realizada no Canadá, já que o Brasil tinha uma dúzia de estádios novíssimos à disposição. O questionamento, no entanto, não encontrava eco no debate público ou mesmo entre setores do Museu, que consideravam o futebol de mulheres um assunto nichado demais, incapaz de reverberar junto ao público. Paradoxalmente, foi a falta de dinheiro para realização de uma exposição temporária que ajudou a alavancar o primeiro projeto consistente relacionado à modalidade. “Quando a gente levou um projeto que a gente usava o dinheiro que

⁴ Foram 419.201 pessoas. Dado da planilha interna de controle de público do Museu do Futebol.

tinha e nada mais, ninguém foi contra (...). Eu percebia isso: passou. Ninguém deu bola”, recorda Alfonsi (LACERDA, 2023)⁵.

Visibilidade para o futebol feminino, com estreia em maio de 2015, foi concebida como uma série de intervenções para inclusão de conteúdos sobre o futebol de mulheres na exposição de longa duração – ação que, posteriormente, foi chamada pela equipe de *hackeamento*. Em paralelo, foram realizados vários eventos para debater a história, a realidade e as perspectivas da modalidade. A curadoria dos conteúdos incluídos teve coordenação da pesquisadora Silvana Goellner, com participação intensa da equipe técnica do Museu. Já os debates foram coordenados pela jornalista e pesquisadora Luciene Castro, pela pesquisadora e ex-jogadora Juliana Cabral e pelo técnico René Simões, que havia dirigido a Seleção Brasileira de mulheres – os dois últimos, medalhistas de prata nas Olimpíadas de Atenas. Os itens incluídos na exposição foram trazidos principalmente por jogadoras, ex-jogadoras e pesquisadoras da modalidade, além de mapeados pela equipe do Museu em arquivos de jornais e hemerotecas.

Na Sala Grande Área, composta por 488 imagens emolduradas de itens colecionáveis referentes a clubes e à Seleção Brasileira masculina, foram incluídas 12 ilustrações e fotografias de objetos relacionados ao futebol de mulheres. Na Sala Anjos Barrocos, onde 25 ídolos das Seleções Brasileiras de todos os tempos pairam como espectros projetados em telas de acrílico, foram inseridas imagens de Marta e Formiga.

A principal intervenção se deu na Sala das Origens, composta por 431 fotografias em preto e branco do período entre o que se convenciona considerar a chegada do futebol ao Brasil (1894) e a profissionalização do esporte (1933), com a regulamentação do ingresso de atletas negros nos clubes. A sala ostentava tanto imagens de times e jogadores do período quanto imagens de contexto social e histórico, visando traçar um panorama da época. Entre essas fotografias, havia 220 representando mulheres em atividades cotidianas, socializando em festas e no carnaval, até mesmo se apresentando em palcos de teatro. Praticando esportes, havia uma única imagem de um grupo de garotas de vestidos brancos jogando basquete. Com *Visibilidade*, foram inseridas 38 imagens de mulheres no

⁵ O projeto custou cerca de R\$ 120 mil. As exposições temporárias realizadas pelo Museu do Futebol têm, em média, investimento pelo menos cinco ou seis vezes maior.

contexto esportivo, principalmente jogando futebol. Dada a escassez de material brasileiro do período, as inclusões envolveram principalmente fotografias mapeadas nos acervos da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, Biblioteca Nacional da França, do periódico francês *Fémina Sport* e do Museu da FIFA. De fontes brasileiras, foram encontradas três imagens registradas no Rio de Janeiro em 1940 e registros de jornal, incluindo anúncio de uma partida entre mulheres que aconteceria um circo e uma fotografia das jogadoras. Foi incluída, também, a manchete “Impedido pela polícia o futebol feminino”⁶, que se tornou uma das imagens que mais chama a atenção do público na sala.

A inserção de mulheres como jogadoras de futebol na exposição possibilitou o oferecimento de uma narrativa multifacetada ao público, que passou a ter instrumentos para construir outros tipos de representação sobre o esporte e a participação das mulheres. Para além dos conteúdos incluídos na exposição, a pesquisa relacionada ao projeto *Visibilidade para o futebol feminino* resultou na digitalização de 41 coleções, envolvendo mais de 5.000 itens sobre futebol de mulheres e o mapeamento de 104 trabalhos acadêmicos sobre o tema (Museu do Futebol, 2016); a produção de 15 vídeos com entrevistas das jogadoras brasileiras convocadas para a Copa daquele ano e o aumento significativo do afluxo de pesquisadoras e pesquisadores ao Museu buscando fontes sobre o futebol de mulheres. Os debates paralelos ocorridos ao longo do ano serviram como ponto de encontro e troca desta comunidade. Segundo a avaliação de Luciene Castro no evento de encerramento do ciclo, em abril de 2016, o Museu do Futebol acabou sendo responsável pela reunião destas pessoas e fortalecimento de uma rede: “Sem a atuação do Museu, talvez nós estivéssemos soltos por aí” (MUSEU DO FUTEBOL, 2016).

Visibilidade foi importante também para o relacionamento do Museu com a comunidade de jogadoras e ex-jogadoras de futebol. Foi a primeira vez em que se sentiram prestigiadas por uma instituição de certo peso, ainda que fora do ecossistema econômico e esportivo do futebol. Além disso, a pesquisa espontânea de satisfação de público, àquela altura realizada por meio de um tablet eletrônico disponível na saída do museu, mostrou uma mudança significativa no perfil de

⁶ Periódico A Batalha (RJ), junho de 1940. Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

gênero: no ano de *Visibilidade*, foram 44,4% de respondentes autodeclaradas mulheres e 55,6% de respondentes autodeclarados homens – uma variação significativa com relação aos 71% de homens registrados apenas seis anos antes (LACERDA e BRUNO, 2022).

O público responde ao contra-ataque

O final do ano de 2015 marca o início do que a imprensa chamou de “primavera das mulheres” no Brasil, que refletia a chamada quarta onda do feminismo no mundo, mas respondia, principalmente a questões locais: a internet foi tomada pela campanha espontânea #MeuPrimeiroAssédio, em resposta à profusão de comentários de homens na internet erotizando uma pré-adolescente participante do programa Master Chef Brasil, assim como protestos contra um projeto de Lei que visava restringir ainda mais o direito ao aborto legal das mulheres brasileiras⁷.

Em março de 2016, a FIFA reformulou seu estatuto para incluir entre seus objetivos que qualquer pessoa pudesse ter condições de jogar futebol, independente de gênero ou idade. Além disso, tornou expressa a proibição de discriminar pessoas no contexto do futebol em razão da raça ou do gênero e, mais objetivamente, obrigava as confederações a também incluir medidas semelhantes em seus próprios estatutos (ALMEIDA, 2019). A partir de 2019, os clubes participantes das competições promovidas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passaram a ser obrigados a manter uma equipe profissional de mulheres. É bem verdade que a maioria dos clubes fez o mínimo possível, por exemplo, “adotando” times amadores pré-existentes e mantendo-os sem a estrutura profissional necessária, mas este foi o momento em que competições começam a ganhar um pouco mais de visibilidade e torcidas de times importantes, como o Corinthians, começam a olhar com mais atenção para o futebol de mulheres.

A equipe técnica do Museu do Futebol, muito mais bem instrumentalizada sobre o tema depois do projeto *Visibilidade*, propôs a realização de uma grande

⁷ O aborto é proibido no Brasil e considerado crime, passível de punição com pena de 3 a 10 anos de prisão, à exceção de casos em que a gravidez decorre de estupro, quando o feto tem anencefalia ou quando a gestação causa risco de morte da gestante. O projeto de Lei em questão visava acabar até com essas exceções.

exposição temporária focada na modalidade – mas não encontrou apoio na gestão executiva do Museu, que continuou considerando o tema nichado e sem apelo. Foi preciso o banco Itaú acenar com intenção de patrocinar a iniciativa para a ideia vingar. A instituição financeira já era patrocinadora de todas as Seleções brasileiras (da base ao profissional masculino) e tinha a intenção de trabalhar fortemente o apoio à Seleção de mulheres durante a Copa da França. Assim, com um orçamento aproximado de R\$ 800 mil, foi realizada a exposição *CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol*.

Inaugurada em maio de 2019, *CONTRA-ATAQUE!* teve novamente curadoria de Silvana Goellner, agora compartilhada com a historiadora Aira Bonfim, novamente a pesquisadora Luciene Castro e a ex-jogadora Aline Pellegrino. Foi uma exposição de tom político que partia do período da proibição da modalidade (1941-1979) para apresentar uma narrativa de resistência, resiliência e desobediência das mulheres brasileiras. A mostra era, literalmente, um grito: a comunicação visual criada por uma agência carioca liderada por mulheres, utilizava tipologia em caixa alta e as cores roxo, laranja e vermelho, complementares na escala cromática ao verde, amarelo e azul da bandeira do Brasil. Logo ao entrar no museu, a primeira coisa que o público via era um enorme letreiro em painel de led com frases fortes, como “quem tem medo de meninas que jogam bola?” e “Loucas, livres e craques”. Havia homenagens a personalidades do futebol de mulheres no Brasil; uma mesa de pebolim com mulheres, fabricada especialmente para a exposição; a exibição de uniformes utilizados pela Seleção de mulheres, deixando claro o descaso com sua trajetória – 2019 foi o primeiro ano em que as jogadoras tiveram modelo próprio e não emprestado⁸ dos homens.

Durante o processo de pesquisa para a exposição, foram mapeados mais 1.560 itens, dos quais foram exibidos na exposição 348 fotografias, 20 vídeos, 4 ilustrações, 25 documentos e 66 objetos. Ao todo, 449 mulheres foram retratadas na mostra, quase a totalidade, jogadoras, mas também árbitras, jornalistas, técnicas e torcedoras (MUSEU DO FUTEBOL, 2020). Ainda que

⁸ Nos primeiros anos da Seleção Brasileira de mulheres, os uniformes masculinos eram literalmente emprestados dos jogadores da Seleção masculina. As jogadoras usavam números muito acima dos seus, tinham que costurar os shorts à mão para que não ficassem caindo e eram forçadas a devolvê-los à CBF no final dos torneios.

temporariamente, *CONTRA-ATAQUE!* conseguiu representar com maior justiça a relação das mulheres brasileiras com o futebol. E embora muitos visitantes homens se recusassem a entrar na sala de exposições temporárias tão logo percebiam do que se tratava, segundo relatos das educadoras do museu, pela primeira vez a pesquisa espontânea de satisfação e perfil de público demonstrou equilíbrio entre os gêneros dos respondentes: de março a outubro de 2019, enquanto a mostra esteve em cartaz, a proporção permaneceu 50% x 50%. Tão logo ela foi encerrada, já em novembro a divisão voltou ao patamar de 59% de homens contra 41% de mulheres. A experiência da *CONTRA-ATAQUE!* comprovou na prática, entretanto, a validade da expressão repetida por ativistas: representatividade importa.

Mais do que isso, entrevistas realizadas com funcionárias do Museu do Futebol demonstram que o processo de inserção do futebol de mulheres na ação museológica resultou também em um consistente ganho de consciência das funcionárias com relação à questão de gênero, sua articulação com situações vivenciadas no trabalho e em seu cotidiano como mulheres. Entender o percurso do futebol de mulheres as ajudou a compreender como operam, na prática, as relações de poder articuladas a partir das percepções sobre o sexo. O processo também trouxe instrumentos para que pudessem lidar com seu trabalho diário, especialmente no caso das profissionais que realizam atendimento direto ao público, como as educadoras, frequentemente testadas pelos visitantes homens e por seus colegas de trabalho com relação aos seus conhecimentos sobre futebol.

Este ganho de consciência não foi homogêneo, é claro, e ainda há diferenças imensas na forma como trabalhadores da área meio do Museu compreendem a questão de gênero. De toda forma, como diz o ditado, é inegável que o bode foi colocado na sala. E, todos – querendo ou não – passaram a ter que lidar com ele.

Visibilidade para o futebol feminino e CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol demonstraram o potencial do trabalho com a desigualdade de gênero – uma questão latente e de consequências sólidas na sociedade brasileira – a partir do caso arquetípico do futebol, ainda tido no Brasil como prática naturalmente masculina. As experiências comprovaram que a inclusão de mulheres na narrativa sobre o esporte foi capaz de promover mudanças imediatas

no perfil do público visitante, demonstrando também uma demanda reprimida das mulheres com relação ao tema.

Do ponto de vista da instituição museu, as experiências deixaram patente o desafio que é trabalhar a partir de uma história silenciada e tornada invisível de maneira deliberada através de uma política de Estado. A proibição do futebol de mulheres no Brasil não provocou apenas o atraso no desenvolvimento da modalidade, mas o exílio de suas memórias (Bruno *apud* Wicher, 2017) e a necessidade de se pensar estratégias alternativas para contar esta história quando os documentos e objetos a ela relacionados são escassos em razão de processos intencionais.

A título de epílogo

A dissertação que o presente texto resume tinha como recorte temporal o período entre o planejamento para implantação do Museu do Futebol (2005) e a realização da exposição *CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol* (2019). Muita coisa aconteceu depois disso: em 2023, a instituição realizou outra grande exposição temporária sobre o futebol feminino. Desta vez em tom celebratório, *Rainhas de Copas* traçava um panorama histórico das Copas do Mundo FIFA de Futebol Feminino desde o torneio experimental realizado em 1988.

Em 2024, o Museu do Futebol promoveu a primeira grande reformulação de sua exposição principal, inclusive com a criação de novas salas. O acúmulo de experiência com o tema futebol de mulheres foi central para as discussões ao longo do projeto, que teve como uma de suas premissas a necessidade de equilibrar a representação feminina no espaço expositivo. Agora, mulheres aparecem de maneira transversal ao longo de toda a exposição: com belas jogadas na nova sala Dança do Futebol, através da inclusão de todas as Copas do Mundo femininas na Sala das Copas, por meio da refaçao de todas as ilustrações da antiga sala Números e Curiosidades, agora rebatizada de Almanaque da Bola. Onde antes só havia homens-padrão em desenhos vazados (que, apesar da ausência de cor, eram claramente todos brancos), agora há uma variedade de gênero, tons de pele e biótipos que representam com mais exatidão a diversidade humana brasileira. Uma nova instalação foi incluída na Sala das Copas para tratar especificamente do período de proibição do futebol feminino, com fotografias e

vídeos que narram como as mulheres jogaram bolas entre 1941 e 1979, quando a prática era formalmente vedada por Lei.

Uma pequena mostra temporária ocupou a Sala Osmar Santos em 2025 também sobre futebol feminino: *Jaraguá Kunhangue Ouga'a – O jogo das mulheres do Jaraguá* compartilhava com o público acervos fotográficos e de objetos dos times femininos de jogadoras indígenas da Terra Indígena do Jaraguá, na Zona Norte de São Paulo.

Em 2027, o Brasil receberá a Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, sendo São Paulo uma das cidades sede. O Museu já prepara sua nova exposição temporária focada no tema.

Considerações finais

O presente artigo analisou a trajetória de inclusão do tema futebol feminino na ação museológica do Museu do Futebol, equipamento do Governo do Estado de São Paulo instalado no Estádio do Pacaembu desde 2008. Concebido pela Fundação Roberto Marinho, a instituição nasceu com grande foco sobre o uso de tecnologia e recursos audiovisuais na exposição principal – um dos elementos da comunicação museológica – e pouco ou nenhuma à pesquisa e salvaguarda, igualmente integrantes do chamado tripé da cadeia operatória dos museus.

Nos primeiros anos de funcionamento, o Museu do Futebol praticamente não retratava o futebol de mulheres, a despeito da história conturbada da modalidade, que permaneceu proibida no Brasil entre 1941 e 1979. Desde as primeiras conversas para concepção do projeto, o foco no futebol masculino televisionado foi reforçado pela ausência de vozes dissidentes ou com outras vivências, o que excluiu do novo museu não apenas o futebol feminino, mas o futebol de várzea ou mesmo o ponto de vista dos profissionais do esporte – salvo os jornalistas esportivos. Assim, o Museu do Futebol não fugiu à regra das instituições museais de maneira geral, reforçando a narrativa androcêntrica que coloca as experiências masculinas como universais.

A aproximação com a academia a partir de 2010, a realização do primeiro Plano Museológico, a Copa do Mundo Feminina no Canadá em 2015 – e não no Brasil, que havia acabado de construir toda a estrutura para a Copa masculina em

2014 –, a crise financeira que provocou redução de orçamento para a cultura no Estado de São Paulo e a chamada “primavera feminista” de 2015 estão entre os fatores que contribuíram para que o Museu do Futebol realizasse sua primeira grande ação voltada ao futebol de mulheres, o projeto *Visibilidade para o futebol feminino*, que consistiu no hackeamento da exposição principal e na realização de eventos sobre a modalidade. Quatro anos depois, a exposição *CONTRATAQUE! As Mulheres do Futebol* conseguiu equilibrar o perfil de gênero do público visitante pela primeira vez na história do museu, o que demonstra o potencial da ação museológica na formulação de novas representações de gênero na sociedade.

Desde então, o Museu foi aprofundando a ação museológica relacionada ao tema também nas frentes de salvaguarda e pesquisa, o que contribuiu para seu próprio amadurecimento institucional. O futebol feminino tornou-se tema central da primeira grande reformulação da exposição principal, realizada em 2024, fazendo mulheres aparecerem transversalmente em todo o espaço expositivo, retratadas de maneira natural no ecossistema do jogo.

Referências

- ALFONSI, Daniela. **Réplicas originais:** um estudo sobre futebol nos museus. 2017 187f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol:** histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. FuLiA / UFMG, v. 4, n. 1, jun. 2019, p. 72–87. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/download/14658/11856/39904>>. Acesso em 8 jun. 2023.
- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FELIPINI, Kátia. **Planejamento Museológico.** Museu do Futebol. São Paulo: ADM Museologia e Educação Ltda. Abr. 2007.
- AUDEBERT, Ana; WICHERS, Camila A. M.; QUEIROZ, Marijara S. Interfaces críticas entre Museologia, Museus e Gênero. In: ARAUJO, Bruno et al (orgs). **Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios.** Recife: Ed. UFPE, 2019. Disponível em:

<<https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/138/170/491?inline=1>>.

Acesso em 12 abr. 2023.

BONFIM, Aira F. Visibilidade ao invisível? A formação de acervos públicos sobre o futebol de mulheres no Brasil. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto (orgs.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Xeroca!, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/39520500/ELAS_E_O_FUTEBOL>. Acesso em 27 mai. 2023.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARRUDA, Beatriz Cavalcanti de; FIGOLS, Francisca Ainda Barboza. **Museu do Futebol**: Plano Museológico: diagnóstico institucional e linhas de ação. São Paulo, [s.n.], 2010.

FUNDAÇÃO ITAÚ. **Hábitos culturais**: 6º edição. Disponível em: <<https://s3.sa-east-1.amazonaws.com/prd.editor.fundacaoitau.org.br/public/otherfile/519/file/46de1383497888b5266c22b1630822fa.pdf>>. Acesso em 21 nov. 2025.

KAZ, Leonel (org). **Museu do Futebol**: um museu-experiência. São Paulo: IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2014.

LACERDA, Renata Maria Beltrão. **Chama as mina pro jogo**: Museologia e Gênero no Museu do Futebol. 2023. 316f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

LACERDA, Renata Maria Beltrão e BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Futebol, gênero e guerrilha no Twitter: o caso do Museu do Futebol. 2023. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, Anais. Disponível em: <https://www.academia.edu/105262626/FUTEBOL_G%C3%83%8ANERO_E_GUERRILHA_NO_TWITTER_o_caso_do_Museu_do_Futebol>. Acesso em 23 setembro 2023.

LACERDA, Renata Maria Beltrão e BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Representatividade importa: presença de mulheres nas pesquisas de público do Museu do Futebol. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4., 2022, São Paulo. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crbf/acervo/774195/>>. Acesso em 1º maio 2023.

LUPO, Bianca Manzon. **O museu experiência: uma abordagem brasileira:** o caso da Fundação Roberto Marinho. São Paulo. 456 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.academia.edu/96552503/O_museu_experi%C3%A3ncia_uma_abordagem_brasileira_O_caso_da_Funda%C3%A7%C3%A3o_Roberto_Marinho>. Acesso em 13 mai. 2023.

MUSEU DO FUTEBOL. CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol: resultados da exposição temporária. 2020.

MUSEU DO FUTEBOL. Década de 80: Regulamentação do Futebol Feminino. YouTube, 2 abr. 2016. Disponível em: <<https://youtube.com/live/jpsQZ3OclSA>>. Acesso em 25 jun. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/71721/40667/297572>>. Acesso em: 9 abr. de 2023.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; e REIS, Heloísa Helena Baldy. **Futebol de mulheres:** a batalha de todos os campos. Paulínia: Autoresporte, 2018.

WICHERS, Camila. Musealização da Arqueologia: provocações e proposições feministas. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA - SEBRAMUS, 3, 2017. Belém. [Anais...]. Brasília: Curso de Museologia da Universidade de Brasília; Projeto Museologia Virtual, 2017. Disponível em: <<http://sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/view/762>>. Acesso em 12 de abr. 2023.